

ALFABETIZAÇÃO NA EJA: UMA VISÃO EMANCIPADORA

EJA LITERACY: AN EMANCIPATING VISION

ALFABETIZACIÓN EN LA EJA: UNA VISIÓN EMANCIPADORA

Carmen Auxiliadora Evangelista¹
Maria Tereza Xavier Cordeiro²

Resumo

A alfabetização de jovens e adultos é um tema que precisa ser pensado de forma dialógica, em necessárias discussões para a inclusão do público-alvo. É preciso problematizar a educação tradicional, tendo em vista que ela interfere de forma significativa na alfabetização de adultos. Há de se buscar estratégias onde o aluno da Educação de Jovens e Adultos se sinta parte da sua própria aprendizagem, por meio de experiências significativas. Destaca-se a importância de o professor tratar conteúdos de forma que permita ao aluno adulto interpretar os eventos que vivencia. O docente, ciente da sua grande responsabilidade com esse público que não foi alfabetizado em idade própria, deve levá-lo a interagir com o meio em que está inserido, deve despertar a criticidade, trazer à tona os valores, a cultura e resgatar a autoestima do aluno. Nesse contexto o artigo tece algumas reflexões sobre a alfabetização de jovens e adultos sob a visão emancipadora de Paulo Freire, tendo o respaldo, entretanto, de outros autores que também contribuem com esse tema.

Palavras-chave: EJA. Emancipação. Educação. Alfabetização.

Abstract

Literacy of young people and adults is a theme that needs to be considered in a dialogical way, in necessary discussions for the inclusion of the target audience. It is necessary to problematize traditional education, considering that it significantly interferes with adult literacy. Strategies should be sought where the student of Youth and Adult Education feels part of their own learning, through meaningful experiences. The importance of the teacher treating content in a way that allows the adult students to interpret the events they experience is highlighted. The teacher, aware of his/her great responsibility towards this public that was not literate at the appropriate age, must lead students to interact with the environment in which they are inserted, awake criticality, bring up values, culture, and rescue self-esteem of the student. In this context, the article weaves some reflections on the literacy of young people and adults under the emancipatory vision of Paulo Freire, having the support, however, of other authors who also contribute to this theme.

Keywords: EJA. Emancipation. Education. Literacy.

Resumen

La alfabetización de jóvenes y adultos es un tema que necesita ser pensado de forma dialógica, en necesarias discusiones para incluir el público-meta. La educación tradicional debe ser problematizada, teniendo en cuenta que ella interfiere de forma significativa en la alfabetización de adultos. Hay que buscar estrategias para que el alumno de la Educación de Jóvenes y Adultos se sienta parte de su propio aprendizaje, por medio de experiencias significativas. Se destaca la importancia de que el profesor trabaje contenidos de forma que el alumno adulto pueda interpretar eventos de su entorno. El docente, consciente de su gran responsabilidad con ese público, que no se alfabetizó en la edad oportuna, debe llevarlo a interactuar con el medio en que vive, debe despertar su espíritu crítico, traer a escena los valores, la cultura y rescatar la autoestima del estudiante. En ese contexto, este artículo presenta algunas reflexiones sobre la alfabetización de jóvenes y adultos desde la perspectiva emancipadora de Paulo Freire, con respaldo, sin embargo, en otros autores que también han contribuido para el tema.

¹ Aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: carmenevangelista15@gmail.com.

² Orientadora do curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: MARIA.BR@uninter.com.

Palabras-clave: EJA. Emancipación. Educación. Alfabetización.

1 Introdução

Este trabalho, que tem por tema a alfabetização de Jovens e Adultos em uma visão emancipadora, procura mostrar formas de alfabetizar e emancipar pessoas que não tiveram o acesso à escola, que não foram alfabetizadas em idade própria ou tiveram curta escolaridade, e por essa causa são marginalizadas.

O educador Paulo Freire (1921-1997) é responsável por um método de alfabetização de jovens e adultos, onde a cultura é essencial. A partir da cultura, desenvolve-se uma concepção de educação que leva o indivíduo a pensar e a se ver como produtor de conhecimento.

Considerando o homem como um ser social, apto para aprender, mostra que através da educação se forma a sua identidade, a sua ideologia e o seu modo de vida. Nessa perspectiva, aprender é uma descoberta criadora, com abertura ao risco e à aventura do ser.

Buscando problematizar a visão tradicional da Educação de Jovens e Adultos – aqui tratada como EJA —, fazemos uma reflexão sobre as dificuldades enfrentadas pelo público-alvo e apresentamos meios para que esses alunos se sintam incluídos, principalmente, pela valorização das experiências e da cultura produzida por eles. Parte-se da ideia de que o aluno não é um objeto no processo de alfabetização, mas que, contribuindo com a sua própria aprendizagem, se descobre como ser criador e como produtor de conhecimento e cultura.

As pessoas que não tiveram acesso à educação pelas mais variadas causas, precisam ser incentivadas e valorizadas. Não se pode desconsiderar a bagagem que o aluno que procura a Educação de Jovens e Adultos traz consigo, e quando este encontra uma educação que o leva a pensar e refletir, começa a valorizar a própria história, motivando-se a aprender com a convicção de que não é tarde para começar.

As informações contidas neste artigo se classificam como bibliográficas e qualitativas; têm por base pesquisas feitas em livros e sites. Esse estudo é denominado qualitativo pelo seu caráter interpretativo dos fatos, no sentido de compreender o tema aqui tratado.

Utiliza fundamentações teóricas de autores que favorecem o vínculo entre a subjetividade do pesquisador e o meio no qual ele está inserido, o que faz com que as experiências vividas e escritas pelos autores seja a própria fonte de dados.

Para definir essa pesquisa foi necessária a convicção de que a alfabetização de jovens e adultos é um tema relevante, intimamente ligado a fatores emocionais, tão importantes para este estudo, que busca melhores condições para o público-alvo aqui descrito e, dessa maneira, aportar contribuições para a sociedade.

A metodologia aplicada nesse artigo busca de forma simplificada abordar as diferentes sensações que um analfabeto tem ao perceber outras formas de interpretar a realidade em que vive. Mostra que a reflexão pode trazer mudanças na vida daqueles que são excluídos e, quando aliada a práticas pedagógicas, pode trazer melhorias para a sociedade.

2 Educação tradicional e suas interferências na EJA

Quando pensamos em alfabetização de adultos, devemos compreender que essa modalidade de ensino necessita de atenção como qualquer outra, mas, por se tratar de pessoas em fase adulta, é necessário dirigir-lhe um olhar especial.

O público adulto quando procura a escola o faz pelas mais variadas causas, desde a oportunidade de crescimento no seu trabalho até para aprender o básico da alfabetização, a fim de lidar com as questões diárias. Contudo, ao procurar a escola com o intuito de receber uma educação formal, o aluno da EJA se depara com um ambiente completamente diferente do seu cotidiano, e a primeira impressão causa-lhe desconforto, que o faz perceber todo o processo como inalcançável.

Isto é, precisamente, o que a “educação bancária” não estimula. Pelo contrário, sua tônica reside fundamentalmente em matar nos educandos a curiosidade, o espírito investigador, a criatividade. Sua “disciplina” é a disciplina para a ingenuidade em face do texto, não para a indispensável criticidade (FREIRE, 1986, p. 8).

Essa visão de educação apresenta um professor que vai depositando em seus alunos os conteúdos selecionados, pensando que para educar alguém basta realizar depósitos, como de um banco se tratasse, e no dia da prova o aluno mostra os resultados, isso independentemente da idade. O aluno é considerado como um recipiente vazio, que se deve completar depositando informações.

Para que a alfabetização na Educação de Jovens e Adultos cumpra o seu papel, é preciso que a aprendizagem tenha sentido para o educando; sendo assim, a linguagem oral e a escrita tornam-se indispensáveis no processo da expressividade, imprescindível nessa modalidade. O exercício da leitura e da escrita precisa ter um sentido autêntico para o aluno, o que não acontece se se der apenas através da repetição.

Na EJA, o perfil dos alunos é diversificado e a educação tradicional limita o aluno tratando a todos da mesma forma; deixa de olhar a especificidade de cada um, não valoriza as experiências — que podem ser muito significativas no processo de aprendizagem —, e, onde não há diálogo, seguramente haverá evasão.

Na abordagem tradicional, a prática educacional coloca o professor como possuidor do saber; esse tipo de educação acontece a partir do que é externo ao aluno, sem tomar em consideração aquilo que o educando traz consigo. Prioriza o repasse de conteúdo, fazendo com que o discente se torne alienado por se sentir vazio de conhecimento; não pode contribuir, por meio de suas vivências, com a sua aprendizagem.

Espera-se que o olhar docente não seja neutro no que diz respeito à alfabetização de adultos, pois se requer de humanidade para perceber que, em muitos casos, a educação — segundo Freire — se dá como um processo de domesticação, privando o sujeito de se libertar como ser humano.

Segundo Martins (2012, p. 35), sobre o modelo tradicional de ensino: “A educação é um fator de equalização social, transmissão de produtos pré-estabelecidos, e a escola é entendida como lugar de proteção, situado à margem do mundo”.

O modelo tradicional de ensino utilizado ainda na atualidade faz com que o aluno da EJA perca o interesse em estudar algo meramente mecânico, porque esse aluno é criativo, produtor de cultura e espera que seus feitos sejam reconhecidos como algo importante, de estima para a sociedade.

A educação tradicional, de acordo com Martins (2012), conta com um professor razoavelmente bem preparado, que expõe as lições que os alunos precisam aprender, realizando exercícios que precisam ser realizados disciplinadamente. Contudo, esse processo deixa de ser atrativo para um aluno que deixa a sua casa ou trabalho a fim de concluir seus estudos e que, chegando à escola, não se sente como alguém capaz diante da visão docente.

3 Dificuldades enfrentadas pelo aluno da EJA

Quando falamos em alfabetização na EJA, precisa-se pensar que esse aluno tem uma história, que dificilmente conseguirá ver como algo expressivo por si só. Isso porque, quando a pessoa é privada do acesso ao mundo letrado, acaba se sentindo inferior.

O sujeito é o autor da sua aprendizagem, porém quando o aluno é adulto — e muitas vezes em idade mais avançada —, ir para a escola aprender a ler e escrever traz consigo sentimentos de fracasso, derrota e até de inferioridade.

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especificidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego [...] (GADOTTI; ROMÃO, 2008, p. 31).

As pessoas que não sabem ler e escrever se esbarram em obstáculos todos os dias, pois coisas tão simples como pegar um ônibus, reconhecer cédulas ou mesmo chegar a uma rua se tornam tarefas difíceis para os analfabetos.

Só quem vive esse drama sabe como essa questão pode gerar conflitos, porque a pessoa não escolarizada, ou com escolaridade limitada, se restringe a participar daquilo que a sua condição lhe permite.

Existe também a possibilidade de que o adulto analfabeto não veja o que ocorre com ele como resultado de um processo de exclusão social, mas que assuma o fato de não ler e escrever como responsabilidade pessoal, o que traz consigo a culpa e a constante sensação de fracasso. Isso é um fator determinante para que esse indivíduo procure a EJA ou deixe de fazê-lo, porque a vergonha, a culpa, acabam por gerar desmotivação.

A taxa de alfabetização (sic) mais atual no Brasil foi divulgada pelo IBGE em junho de 2019 na última Pesquisa por Amostra de Domicílios Contínua. O Brasil tem pelo menos 11,3 milhões de pessoas com mais de 15 anos analfabetas (6,8% de analfabetismo). No mundo, mais de 750 milhões permanecem nessa situação (QUANTOS ANALFABETOS..., 2019).

Encontramos atualmente no Brasil uma grande porcentagem da população que não sabe ler e escrever; muitos desses casos são trabalhadores que vêm do campo, pessoas que até então haviam realizado trabalho braçal, mas que, ao chegar às cidades, se sentem deslocadas. Muitas vezes são pressionadas a aprender a decifrar os códigos alfabéticos, porque precisam, por uma questão de sobrevivência, entrar no mercado de trabalho.

Quando o analfabeto vai fazer uma compra, sente dificuldade para reconhecer o valor do que está sendo cobrado, passa muitas vezes por constrangimentos, ou pode ser enganado; quando se faz necessário assinar algum documento, muitos registram sua impressão digital.

Estas situações produzem no indivíduo impacto marcante, porque o trabalhador contribui com seu trabalho para o crescimento da sociedade, mesmo sem saber o quanto sua participação social é essencial para o desenvolvimento; no entanto muitas vezes não vê o seu trabalho reconhecido e se sente insignificante.

Alguns indivíduos, devido à marginalização que sofrem, acabam se envolvendo em trabalhos impróprios, fazendo dano para si mesmo, o fruto colhido dessas escolhas erradas.

A educação para as classes mais pobres, que não tiveram a oportunidade de ser alfabetizadas, tem se dado como forma de dominação, como se não fosse necessário que o alfabetizando faça uma leitura de mundo. Essa educação o faz submisso a uma imposição

mecânica e lhe nega o caráter libertador do conhecimento, que se dá pela conscientização, pelo diálogo, pela participação ativa no processo educativo.

4 A importância do ato de ler e escrever

Para uma grande maioria ler e escrever é algo que se desenvolve logo na infância, porém essa não é a realidade de uma minoria que, devido a circunstâncias sociais, não teve a oportunidade sequer de ir à escola.

O sonho de muitos analfabetos é superar essa condição, com a finalidade de facilitar os afazeres diários, porque dentro de uma simples casa, a vida daqueles que não sabem ler e escrever se torna um desafio árduo.

A leitura proporciona ao ser humano uma condição básica de dignidade; no que diz respeito ao próprio cuidado com o corpo, a pessoa analfabeta precisa da ajuda para a dosagem ou os horários dos remédios, para se sustentar bem fisicamente.

É inegável que grande parte dessa população analfabeta é de origem simples, pessoas trabalhadoras.

Na visão de Gadotti (2003, p. 49), “Aprende-se o que é significativo para o projeto de vida da pessoa. Aprende-se quando se tem um projeto de vida. Aprendemos a vida toda. Não há tempo próprio para aprender”.

Lutar por dias melhores só faz sentido se tivermos um projeto o qual almejamos alcançar; não há um tempo determinado para aprender porque aprendemos todos os dias, com todas as situações que nos cercam, sejam elas boas ou ruins. Daí a importância de se trabalhar com conteúdos significativos para o aluno adulto, aulas que colaborem para a formação de um pensamento crítico, que incentivem, que façam com que ele perceba que não é só mais uma vítima — embora tenha sofrido tantas discriminações —, que não precisa permanecer no seu estado atual.

Contudo, não podemos negligenciar as dificuldades enfrentadas pelos alunos da EJA, principalmente pelos que buscam a escola em época mais tardia; ler e escrever são atividades complexas, sobretudo frente ao tempo dessas pessoas, as suas responsabilidades, o seu sentimento de não serem capazes, de que todo o seu esforço poderá não valer a pena. No entanto, podemos constatar que nos mais variados lugares existem pessoas que retomam ou iniciam os estudos em idades avançadas.

Os que tiveram a oportunidade de estudar muitas vezes não percebem o esforço realizado pelos alunos da EJA, porém jamais se poderá dizer que esse ato não é valoroso. O ser

humano está dotado de força e quando aplica todo o seu esforço na concretização dos sonhos, nem mesmo a avançada idade o pode impedir. Sabe-se que o fato de ter sido alfabetizado fora da idade própria não atrofia o sujeito, fazendo-o prisioneiro da condição de analfabeto.

Certamente que palavras desanimadoras virão de todas as partes, tentando penetrar o íntimo do indivíduo, a fim de que este desista antes mesmo de tentar. Contudo o desejo por aprender, embora muitos não se deem conta, está bem vivo e ansioso para que alguém o desperte. Pessoas que aprenderam a ler e escrever depois de adultas certamente têm muitas coisas a ensinar.

Na visão emancipadora de Paulo Freire, a educação jamais se dá de forma neutra, está ligada à natureza política do processo educativo. Escrever passa a ser necessário para que todos os homens tomem consciência de sua função na sociedade.

“Neste sentido é que todo partido político é sempre educador e, como tal, sua proposta política vai ganhando carne ou não na relação entre os atos de denunciar” (FREIRE, 1989, n. p.).

Na visão de Freire, a educação não se desvincula da política, pois todas as pessoas, em um determinado momento de suas vidas, já se viram questionando, reivindicando e assumindo posições em prol de melhoramentos para si, ou em favor de outros.

O ato de denunciar diz respeito a sair do comodismo em que por diversas vezes o alfabetizando se encontra. Mas quando fala e expressa a sua opinião —por vezes calada pelas desigualdades —, fazendo crítica à sua atual situação, o alfabetizando realiza um ato político, suas defesas vão criando consistências mais sólidas, o que o encaminhará certamente para uma vida ativa na sociedade.

É inegável que somos parte de uma sociedade marcada por desigualdades e um mercado de trabalho competitivo que a cada momento deixa mais longe as oportunidades dos que são analfabetos.

Pensando dessa forma, concluímos que a linguagem é o elo de comunicação dos indivíduos, porém os que não têm acesso a ela certamente são excluídos e privados de estarem junto com aqueles que possuem mais instrução.

Alfabetizar é uma espécie de salto de uma vida objetiva para uma vida subjetiva, ou seja, o indivíduo se torna sujeito de suas próprias ações; ao ler, o leitor tem a possibilidade de interpretar aquilo que tem diante de si, tornando-o consciente de suas responsabilidades e dos seus direitos.

Ler vai além de decifrar códigos alfabéticos, leva o ser humano a interagir e agir sobre a realidade em que está inserido. Proporciona-lhe a possibilidade de ser alguém transformado, que de alguma maneira também transformará as situações ao seu redor.

5 Políticas educacionais para EJA

Sabemos que a busca pela justiça e pela qualidade da educação em um país tão irregular como o Brasil é uma empreitada que sugere políticas públicas de Estado, que abracem uma ampla articulação entre os entes federativos.

Estamos hoje em um momento farto de possibilidades, com apoios legais mais avançados e com a mobilização atenta dos domínios públicos e de atores sociais importantes nesse cenário. Sabe-se que é possível um bom trabalho de retificação dos planos de ensino para que a educação receba um impulso no cenário brasileiro.

Há metas estruturantes para a garantia do direito à educação básica com qualidade, que dizem respeito ao acesso, à universalização da alfabetização e à ampliação da escolaridade e das oportunidades educacionais (BRASIL, 2014, p. 9.).

O Plano Nacional de Educação (PNE) propôs metas com o objetivo de garantir o direito à educação básica com qualidade, que diz respeito à promoção, à universalização da alfabetização e ao acréscimo da escolaridade — e também das oportunidades educacionais.

A meta 10, proposta pelo PNE, alcança de forma positiva os alunos da EJA, porque prevê aumentar as taxas de alfabetização da população que tem 15 anos ou mais; esse aumento seria de 93,5% até 2015 e, até o final do PNE vigente, no ano 2024, deve desarraigar o analfabetismo integral e abater em 50% a taxa de analfabetismo funcional.

O analfabetismo de jovens e adultos vem sendo reduzido no Brasil — passou de 11,5% em 2004 para 8,7% em 2012, na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad). Essa redução é ainda mais intensa no Norte e Nordeste, onde estão localizados os maiores índices de analfabetismo do país. Na faixa de 15 a 19 anos, a Pnad de 2012 registra taxa de analfabetismo de 1,2%, muito inferior à média geral, o que demonstra a efetividade das políticas em curso para a educação básica (ANALFABETISMO..., 2013).

Percebemos que, no ano de 2019, ainda existe um alto índice de pessoas adultas que são analfabetas funcionais, pois o alfabetismo é um processo de desenvolvimento das atividades letradas.

Uma pessoa que foi alfabetizada quando criança, dependendo do seu estilo de vida, pode se deseducar ao longo dos anos, justamente pela razão de que esse adulto, um dia alfabetizado, passa muitas horas em atividades que não exigem leitura.

Embora as metas propostas no PNE sejam de suma importância para o desenvolvimento educacional brasileiro, precisamos pensar que ainda falta um longo caminho a ser percorrido na área da educação.

Na Educação de Jovens e Adultos, a meta 10 oferece no mínimo 25% das matrículas de educação nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional, como apresenta o PNE; isso é de suma importância, levando em conta que a necessidade de muitos adultos que não tiveram oportunidade de ir à escola se volta para o mercado de trabalho.

Faz-se necessário que as políticas públicas para a educação avancem e principalmente alcancem os desfavorecidos da sociedade, inserindo-os no mundo letrado. Isso é um desafio, considerando-se que o nosso país tem uma diversidade evidente.

Certamente que as metas apresentadas pelo PNE estão caminhando, nem sempre em passos ligeiros, porém é inegável que já houve avanços e conquistas no que diz respeito à EJA.

6 Formas para que o aluno da EJA seja alfabetizado e se emancipe

Por quanto já percebemos no decorrer do texto, a EJA é um palco carregado de complicações, que necessita de significados e posicionamentos abertos. É um campo delicado e, por que não dizer político? É denso e carrega consigo o rico legado da Educação Popular.

A educação que hoje é denominada de jovens e adultos em outra perspectiva já foi chamada de educação de adultos e de educação popular. A educação popular é um paradigma educacional, se assim pode dizer, que articula o acesso ao conhecimento a processos emancipatórios.

Ela foi desenvolvida no contexto de movimentos populares e de trabalhadores. Paulo Freire é um dos educadores que adensou o debate da educação popular no Brasil, particularmente nos anos de 1960 (SOUZA, 2012, p. 36).

Os docentes que possibilitam a consolidação da alfabetização em pessoas amadurecidas são sujeitos sociais que se acham no centro de um procedimento muito mais amplo e complexo do que exclusivamente uma modalidade de ensino. Estão mergulhados em uma dinâmica social e cultural extensa, que cresce em meio a afrontas, crises, organizações, práticas e oscilações sociais, desencadeados pela obra dos sujeitos ao longo da nossa história.

Paulo Freire (1986) faz uma crítica à alfabetização de adultos onde o professor acredita que, quanto mais se coloca o saber em quem não sabe nada, este aprenderá. Freire pensou uma metodologia de ensino edificada em cima do diálogo entre docente e discente, onde existem

sempre partes de cada um no outro; não poderia começar com o educador trazendo um ensino acabado, do seu mundo, do seu saber.

Partindo do método de Freire, Brandão (2006, p. 10-11) diz que: “A Educação, que deve ser um ato coletivo, solidário, um ato de amor, dá pra pensar sem susto, não pode ser imposto”.

Como o aluno da EJA conseguirá se sentir parte do processo de aprendizagem se as formas propostas não se aproximarem de sua vida, de seus costumes?

Isso não significa que a alfabetização será feita de modo informal, sem relevância, destituída de regra ou método pensado antes pelo educador, mas o aluno se sentirá mais confiante se a forma de alfabetizar usada pelo docente se aproximar de sua própria essência.

Brandão (2006, p. 24), em uma revisão do método de Paulo Freire, faz uma crítica ao método tradicional de alfabetização. Usa o exemplo clássico criticado por Freire:

“Eva viu a uva”.

“A ave é do Ivo”.

“Ivo vai à roça”.

Mas quem é a Eva ou o Ivo? Para pessoas que já passaram tanto tempo longe da escola, modelos de atividades como essas não permitem que o discente estabeleça uma relação entre o conteúdo repassado e suas reais experiências de vida; são exemplos que não são atrativos ou necessários no dia a dia desse cidadão, que tem tanto de sua vida para reconquistar.

É necessário aproximar do cotidiano dos alunos as tarefas que eles irão desempenhar, quanto mais próximas daquilo que eles são, mais farão sentido para o alfabetizando, pois o levam assimilar o conteúdo proposto de forma significativa. Por que não trabalhar assuntos como a própria profissão, ou a casa, ou as tarefas que os alunos praticam diariamente?

Pensando dessa forma, é provável que os discentes sintam que aquilo que eles fazem ou vivem é tão importante quanto o que pessoas letradas vivenciam, mesmo que de modo diferente. Ao se sentirem parte do processo de aprendizagem, possivelmente serão ativos no seu decorrer.

Ao pensar em alfabetizar adultos, se faz necessário ter um olhar diferenciado, a sensibilidade faz parte do processo. A relação entre o professor e o aluno precisa ser dialógica, pois dificilmente o aluno que se sente excluído estará de coração aberto para aprender.

A empatia é uma ferramenta humana que se desenvolve e se torna eficaz em uma relação entre pessoas; muitas vezes o professor espera muito do aluno, que bem raramente consegue suprir as suas expectativas. O analfabeto se torna arredo e por vezes irreduzível, mas o docente

com um olhar empático conseguirá “arrebatar” o coração do aluno, que por vezes já foi humilhado pelas situações da vida.

Alfabetizar um adulto é saber que este é importante, é produtor de cultura e possui habilidades que talvez nunca foram notadas; o professor pode ser aquele que irá despertar o melhor desse aluno, que talvez nem sequer acredite em si mesmo devido às suas condições.

Educar, na visão de Freire (1987), é um ato de amor, colocar-se no lugar do outro, olhar para os excluídos da sociedade, cidadãos que em nada se diferenciariam dos eruditos, se não fosse a imensa barreira de preconceito que ainda ronda nossas convivências.

Utilizar textos com os quais os discentes se sintam confortáveis, que os motivem em cada frase, que os façam sonhar por meio dos escritos, que despertem o imaginativo, permitindo-lhes viver um sonho real.

A libertação anda junto com o crescimento cognitivo, porém os alunos da EJA sentirão insegurança se o professor falar de algo que para eles é inalcançável; quando a barreira entre teoria e prática se rompe, criam-se possibilidades e permite-se a chegada de um novo conhecimento, sem que o aluno se sinta ameaçado ou constrangido ao avançar nos degraus do conhecimento.

O diálogo para que a alfabetização de adultos seja bem-sucedida é indispensável, pois uma pessoa que chega à fase adulta não gosta de ser tratada como criança. Os analfabetos não tiveram uma infância regada com atividades próprias dessa fase; como chegarão a uma sala de aula, sentindo-se confortáveis, se o professor, por falta de preparo ou mesmo de sensibilidade, faz uso de uma linguagem infantilizada, que produz no aluno um acanhamento que possivelmente o levará a desistir?

Se falarmos que o professor faz o aluno passar por esses constrangimentos de caso pensado, somos injustos, porque a preparação do docente se destina ao trabalho com crianças, de maneira que ele se vê obrigado a entrar em uma sala de EJA totalmente despreparado.

A pesquisa é importante em qualquer área do conhecimento, uma vez que por meio dela o pesquisador entra em contato com a realidade e favorece a sua prática profissional. A pesquisa nos aproxima da nossa realidade e, dessa forma, vivenciamos situações que servirão como experiências para a nossa formação profissional (JUSTINO, 2013, p. 28). Nada nos impede de explorar essa área, de pesquisar, de ir além daquilo que nos foi permitido aprender. A aprendizagem não acaba no momento em que se termina um curso superior, as descobertas são diárias, as vivências são enriquecedoras. Porém muitas vezes é um trabalho árduo, que exige muito do pesquisador.

O professor, enquanto investigador da área da educação, poderá buscar compreender mais a fundo as ações e reações dos alunos que procuram pela EJA, com o desejo de serem alfabetizados. Deverá refletir sobre os problemas apresentados, possibilitar a intervenção sobre a realidade proposta, com a finalidade de ajudar esse público-alvo a se desenvolver integralmente e ocupar os lugares aos que tem direito enquanto cidadãos.

Ouvimos nos dias atuais um discurso sobre igualdade, mas será que oferecer oportunidades iguais às pessoas com diferentes níveis sociais e também intelectuais, fará com que todos cheguem ao mesmo patamar?

Nesse caso, as oportunidades iguais para todos não darão conta de fazer com que os cidadãos envolvidos no processo de alfabetização alcancem um mesmo nível; faz-se necessário o uso da equidade, que diz respeito à justiça, oferecendo oportunidades diferentes com o intuito de que todos cheguem a um mesmo nível.

A alegria de todo professor é ver o brilho no olhar daquele que outrora só via obstáculos em seu caminho, poder ouvir a fala daquele que antes se calava por ter medo de errar, enxergar uma postura confiante naqueles que antes demonstravam se esconder por se sentir amedrontados.

Sem dúvida a alfabetização na Educação de Jovens e Adultos, para que se concretize de forma integral, precisa ser diferenciada, regada com muito diálogo, metodologias que acompanhem o cotidiano dos educandos.

Segundo Both (2012 p. 35), “É mais interessante descobrir novos mares por onde navegar do que velhos portos onde ancorar”.

Precisamos pensar na possibilidade de navegar por mares desconhecidos e é necessário despertar esse sentimento nos alunos da EJA; por inúmeras vezes eles se privam de sonhar, de almejar alcançar mais, de descobrir. É justamente o descobrir novos mares que possibilita ao sujeito excluído da sociedade uma forma de ampliar sua visão, outrora limitada à suas dificuldades e que lhe impedia ver as inúmeras possibilidades e potencialidades existentes em si mesmo.

Quando há uma aproximação entre professor e aluno, o diálogo permite esclarecer valores relativos ao conhecimento, mas infelizmente ainda nos dias de hoje existem professores e alunos que buscam portos para ancorar; sabem que descobrir novos mares é interessante, mas que apresenta dificuldades; por essa razão algumas pessoas preferem ficar estagnadas.

A educação é primordial na vida dos seres humanos, porque nos dá amplas possibilidades para avançarmos em todos os sentidos. O aluno da EJA precisa desse apoio em sua nova jornada na educação, levando em conta que tem grande dificuldade em pensar a vida de forma diferente à habitual.

A exclusão perde a sua essência quando os discentes descobrem a sua própria potencialidade, quando começam a ler o mundo ao seu redor, não apenas decodificando códigos alfabéticos, mas interagindo com tudo o que os cerca.

A conscientização de cidadãos que transformam a sociedade — econômica e politicamente injusta —, se efetiva pela participação dos indivíduos, por meio de uma metodologia pedagógica baseada no diálogo.

Aprender a ler, escrever, é mais do que decifrar código alfabético, é dar possibilidades para que os alunos da EJA percebam que também podem se expressar, criar, tomar decisões.

Segundo Freire (1987, p. 9), “A educação reproduz, assim, em seu plano próprio, a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do homem”.

A reflexão está presente em todo ser humano, pois é por meio dela que o homem cria, se aperfeiçoa, tornando-se consciente dos acontecimentos externos e internos. A través dela consegue enxergar quem é e onde pode chegar, em favor de sua formação individual e também da coletiva. É necessário compreender que o aluno não é apenas um objeto no processo de alfabetização, mas é alguém que pode contribuir em sua aprendizagem.

A Educação é necessária para a sobrevivência do ser humano. Para que ele não precise inventar tudo de novo, necessita apropriar-se da cultura, do que a humanidade já produziu. Educar é também aproximar o ser humano do que a humanidade produziu. Se isso era importante no passado, hoje é ainda mais decisivo numa sociedade baseada no conhecimento (GADOTTI, 2003, p. 47).

É de fundamental importância que a educação seja emancipadora, colaborando para que o aluno da EJA se veja como alguém com potencial transformador na sociedade. Deve poder se desenvolver integralmente, lembrando-se sempre que é um produtor de cultura e que cresce ao se apropriar de novos conhecimentos. Há de se ter em vista que fazemos parte de um mundo interativo, onde constantemente discutimos questões, refletindo sobre elas.

O professor por sua vez exerce um papel indispensável para o desenvolvimento de seu aluno, quando tem o objetivo de ajudar o discente a se tornar um cidadão crítico e reflexivo e a atuar positivamente no seu meio.

“No momento em que o profissional observa as questões do seu cotidiano e as coloca como situações problemáticas, isso o levará à reflexão e à busca de interpretação para o que está vivenciando, fazendo, então, uma reflexão na própria ação” (JUSTINO, 2013, p. 65).

A forma com que o professor traz o conteúdo ao aluno pode influenciá-lo positiva ou negativamente; o aluno da EJA precisa de um apoio em sala de aula, que o ajude a interpretar

os eventos que vivencia, e quando o professor consegue pensar e refletir sobre a sua própria ação, certamente proporcionará a esse público-alvo uma aprendizagem significativa.

O fato é que o professor tem que ter em mente a grande responsabilidade que implica alfabetizar pessoas adultas, que por vezes oferecem resistência como forma de proteção; a resiliência é uma virtude essencial para o educador da EJA, pois permite suportar as adversidades sem esmorecer ou desanimar, com o objetivo de alfabetizar os seus alunos de forma satisfatória.

7 Considerações finais

Considera-se fundamental que a alfabetização da EJA seja vista de forma mais ampla, procurando manter um diálogo aberto no que diz respeito às políticas públicas e às escolas.

É preciso recordar que nosso país já deu passos significativos para uma educação de qualidade destinada ao público-alvo descrito no presente artigo, mas ainda é uma questão a se pensar e trabalhar.

As críticas contidas neste material sinalizam o quanto estamos distanciados de uma educação que se efetive com equidade, que respeite as diversidades, criando possibilidades para os que não se alfabetizaram em idade própria. A educação tradicional ainda é um obstáculo a ser vencido pela EJA, porque impede que as pessoas voltem a seus estudos ou iniciem estudos já em fase adulta.

A educação dialógica proposta por Paulo Freire verdadeiramente contempla a necessidade do ser humano de ser ouvido, de poder se expressar e criar; as pesquisas bibliográficas consultadas para este artigo demonstraram com clareza estas necessidades e são respaldadas por muitos outros autores.

Espera-se que o presente trabalho possa cooperar para uma discussão sobre novas metodologias pedagógicas na EJA, visando à alfabetização emancipadora dos alunos.

Referências

ANALFABETISMO NO PAÍS cai de 11,5% a 8,7% nos últimos oito anos. **Portal MEC**. Brasília, 27 set. 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34167>. Acesso em: 15 out. 2019.

BOTH, Ivo José. **Avaliação planejada, aprendizagem consentida**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. **Planejando a próxima década**: conhecendo as 20 metas do Plano Nacional de Educação. Brasília: Ministério de Educação/SASE, 2014. Disponível em: http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf. Acesso em: 15 out. 2019.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Alfabetização de adultos e bibliotecas populares - uma introdução. *In*: FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Editores Associados/ Cortez, 1989. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 4).

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Resvale, 2003.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (org.). **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. 10. ed. São Paulo: Cortez/ Instituto Paulo Freire, 2008.

HAMILTON, Werneck. **Se a boa escola é a que reprova, o bom hospital é o que mata**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

JUSTINO, Marinice Natal. **Pesquisa e recursos didáticos na formação e prática docentes**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

MARTINS, Pura L. **Didática**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

QUANTOS ANALFABETOS o Brasil tem? **Gazeta do Povo**. Curitiba, Infográficos. 24 jul. 2019. Disponível em: <https://infograficos.gazetadopovo.com.br/educacao/analfabetismo-no-brasil-em-2018/>. Acesso em: 15 out. 2019.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**: 32. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 1999.

SOUZA, Maria Antônia. **Educação de jovens e adultos**. Curitiba: Intersaberes, 2012.